

Sandro Ka  
*TodoCéu*, 2020  
Foto: Cristyelen Ambrozio

ENSAIO VISUAL  
**DO CHÃO NÃO PASSA.**

CURADORIA  
ANA ALBANI DE CARVALHO

Sandro Ka pertence a uma geração de artistas brasileiros interessados nas múltiplas possibilidades e sentidos decorrentes das fricções e cruzamentos entre os campos da cultura popular e erudita, linhagem que encontra referências em vários momentos significativos da arte pós anos 60. Integrando a cena artística a partir de Porto Alegre/RS ainda no início dos anos 2000, o artista tem investido em pesquisas que exploram o procedimento da apropriação, apostando na potência crítica do humor e da ironia como forma de discutir a validade das regras que delimitam socialmente a noção de “bom-gosto” e as definições convencionais do que entendemos como “obra de arte”. Explorando diferentes suportes e linguagens - desenho, objetos apropriados e ressignificados, colagens - Sandro Ka encontra nos procedimentos ligados ao conceito de montagem e nas dinâmicas que problematizam as noções de território, espaço e lugar, um caminho fértil para os desdobramentos de sua poética como artista visual.

De forma mais sistemática, desde 2017 - com trabalhos apresentados nas exposições *Tanto Barulho por Nada* (MARGS, Porto Alegre, RS, 2017) e *Paisagem Comum* (Museu do Trabalho, Porto Alegre, RS e Montevideu, 2018) - tem desenvolvido trabalhos que empregam peças de quebra-cabeças para sua configuração espacial. Tendo como ponto de partida imagens icônicas da cultura popular - no caso, paisagens com cenas bucólicas com ar europeu, rostos infantis, príncipes e princesas, inculcados em nosso imaginário e massificadas por reiterada repetição em ilustrações veiculadas em revistas, cartazes, gravuras e filmes antigos - Sandro Ka as converte em quebra-cabeças e intervém em sua lógica e coerência representativa ao alterar o ordenamento das peças, deixando espaços vazios e estabelecendo aproximações inusitadas. O resultado visual de tais montagens quebram literalmente nossas expectativas em relação ao que vemos representado - seja um rosto infantil ou uma paisagem, por exemplo - produzindo estranheza e indagações sobre

os limites do representável e da realidade em sua dimensão visível.

Para a curadoria deste ensaio visual selecionamos dois trabalhos configurados como quebra-cabeças, realizados por Sandro Ka em momentos diferentes e sentidos diversos, mas que operam a partir de um aspecto de ordem espacial em comum: ambos investem o chão dos espaços expositivos, possuindo uma dimensão instalativa e certo caráter performático em execução.

*TodoCéu* (2018-2020) e *Refazer o Feito* (2022) se configuram a partir de peças de quebra-cabeças, montadas pelo próprio artista em um verdadeiro exercício que requer tempo, paciência e disposição física. Ambas habitam o chão dos espaços de exposição, sendo que *Refazer o Feito* agrega a possibilidade de interação por parte do público, ausente em *TodoCéu*, que se configura como uma instalação com uma forma fixada pelo artista durante a montagem.

*TodoCéu* - concebida originalmente para uma das salas expositivas do Museu do Trabalho, obra integrante

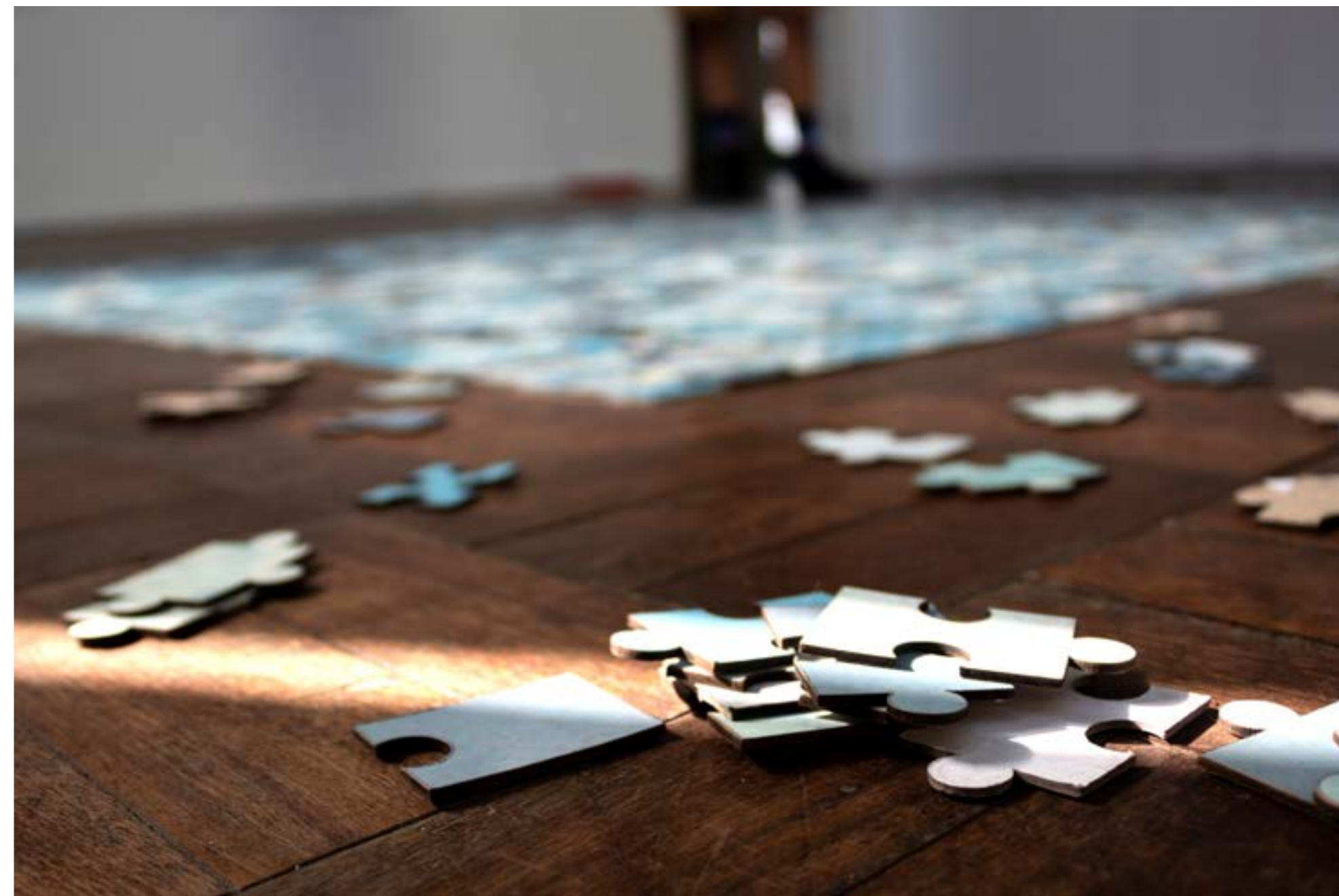
da mostra Paisagem Comum (Porto Alegre, 2018) consiste em um desafio, autoimposto pelo artista, em montar um tipo de “tapete” retangular com pecinhas remanescentes de quebra-cabeças produzidos para outros trabalhos, no qual todas as peças se encaixem perfeitamente. Estes verdadeiros restos tinham um elemento em comum, todos são fragmentos de céus de diferentes imagens, em diferentes tons de azul, reunidos para montar uma grande superfície coberta em que todas as peças precisam se encaixar. O resultado é uma inversão entre *o que está em cima e o que está embaixo* - céu e chão, céu e inferno? -, um deslocamento do olhar em relação à parede, posição a qual nos habituamos a ver obras de arte expostas. A montagem de *TodoCéu* demanda uma disposição física para a montagem e, mais do que isso, resulta muito próxima do exercício da pintura no que concerne à escolha dos tons de azul das diferentes pecinhas de quebra-cabeças à disposição. Os registros fotográficos apresentados neste ensaio visual referem-se a uma segunda instalação de *TodoCéu*,

produzida em 2020 no Espaço Linha, em Porto Alegre.

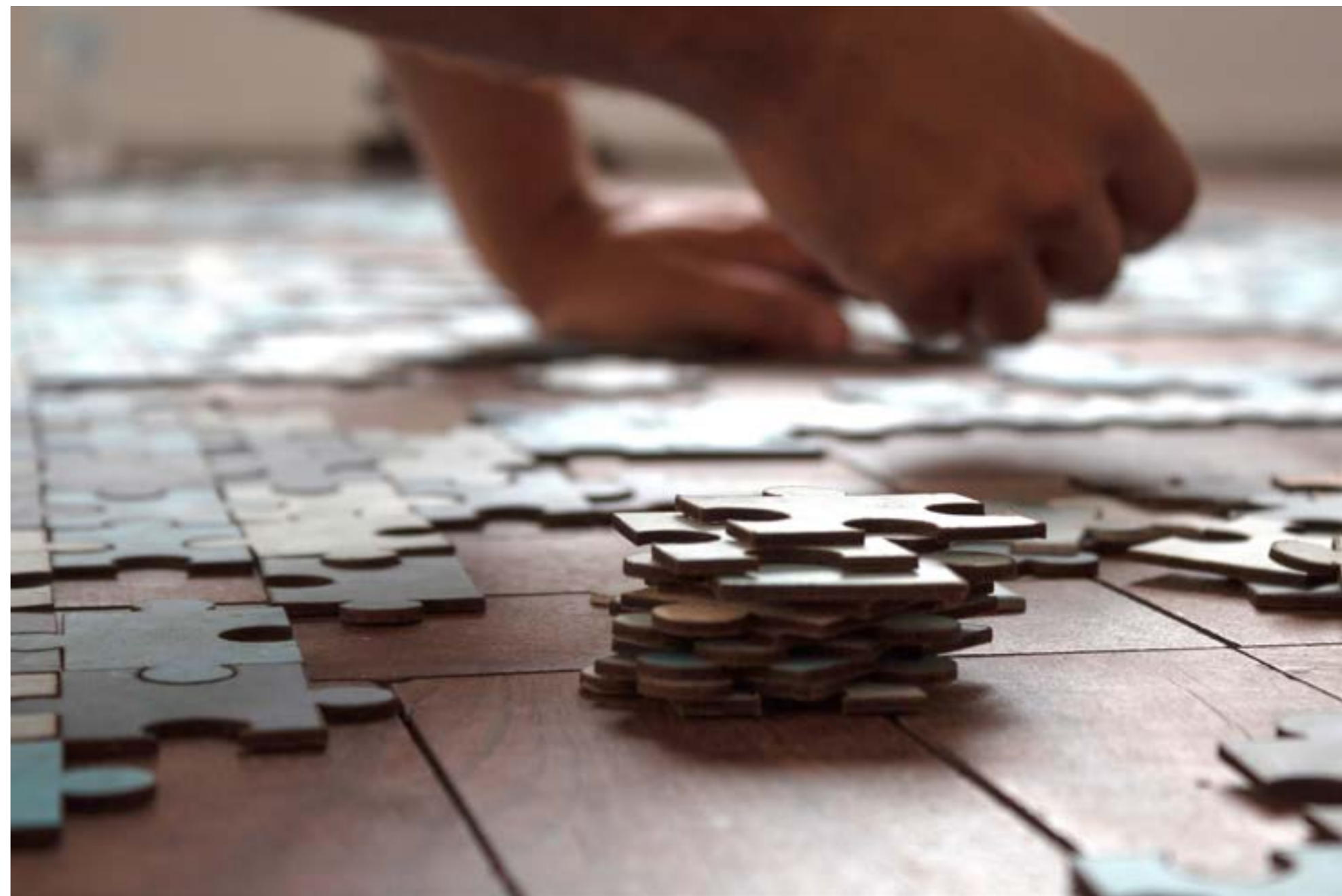
*Refazer o Feito*, por sua vez, integra a exposição *Sobre o que Sonha*, realizada na Fundação Ecarta em 2022, parte de um conjunto de obras em que o teor político assume uma dimensão mais explícita em decorrência dos fatos recentes na história nacional. Mais uma vez o chão está investido. E as pecinhas do quebra-cabeças em suas tão familiares tonalidades de verde, amarelo, azul e branco nos remetem ao conhecido símbolo nacional. Tantas peças. Tão pequenas. O espaço é grande. É preciso curvar o corpo. Depois, levantar-se do chão. Teremos tempo? Energia suficiente? Mas afinal, por onde começar? Para (re) construir essa bandeira nacional - que sentimentos desperta? - a partir desse quebra-cabeças, será preciso um razoável esforço. Coletivo. Por isso mesmo, *Refazer o Feito* configura-se como performance e como trabalho interativo, contando com a possibilidade de ação do público. Para montar ou para desmontar. Construir ou destruir, questão de

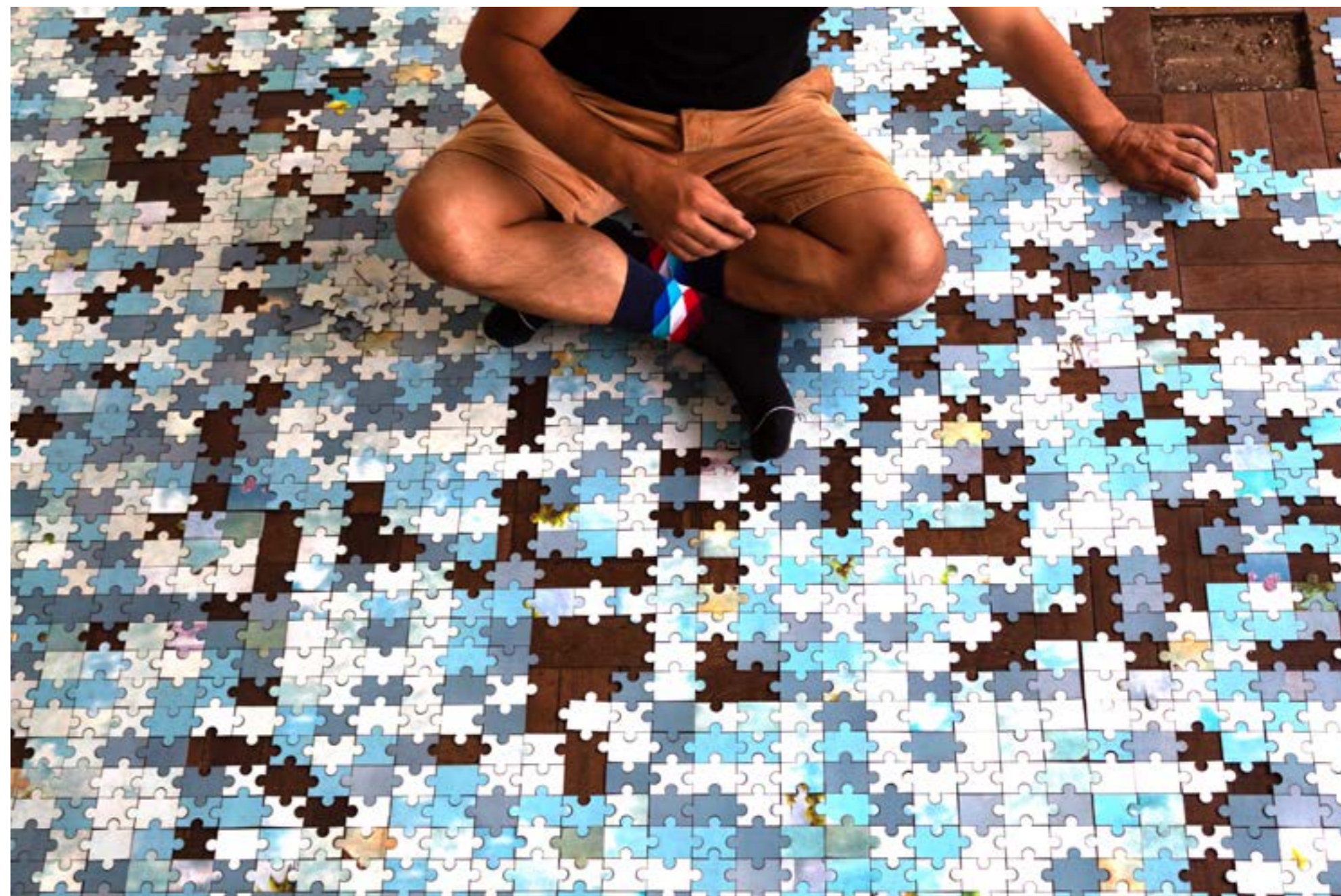
escolha, sempre bom lembrar. O quebra-cabeças está ali. E do chão, não passa.

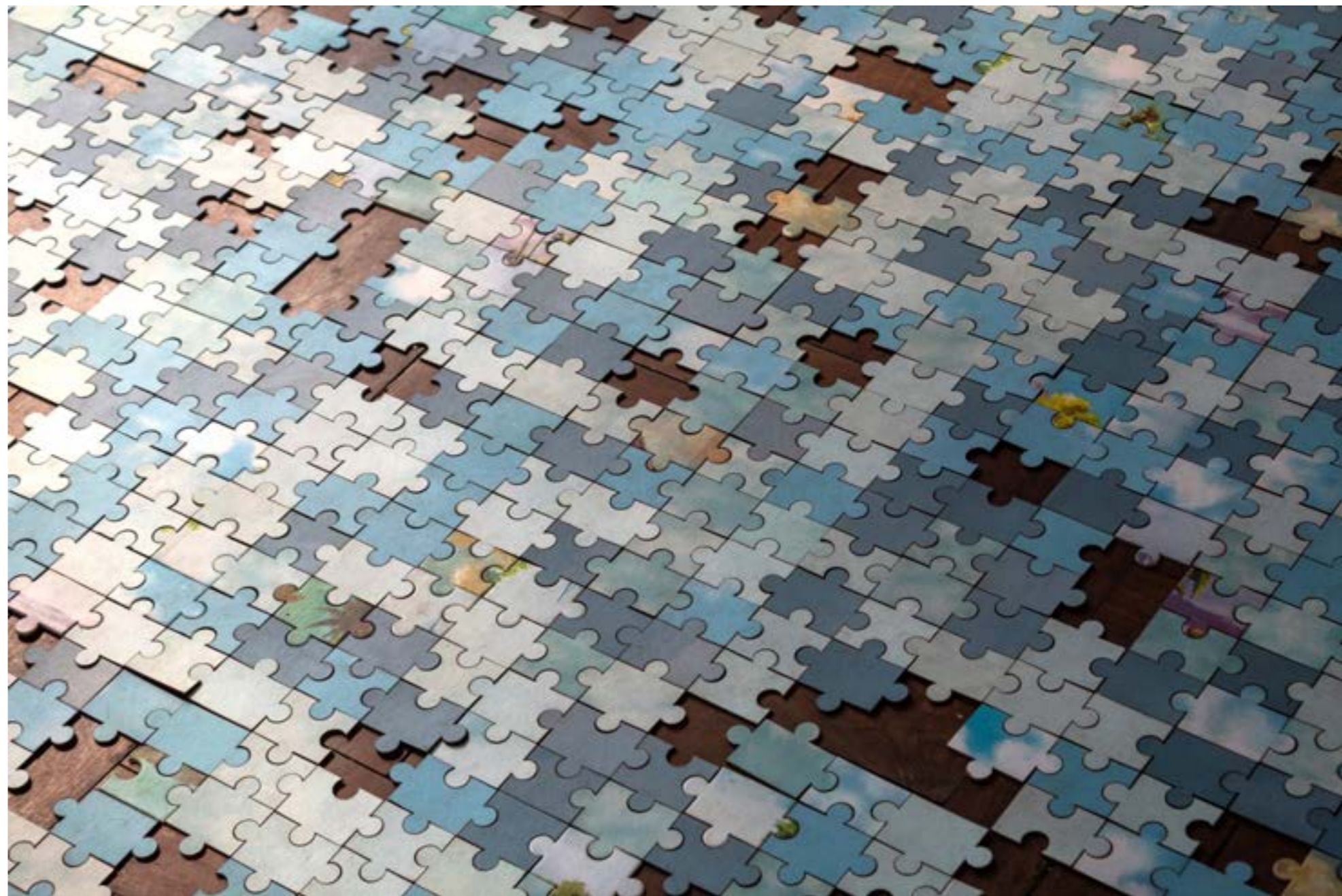
SANDRO KA  
*TODOCÉU*, 2020  
INSTALAÇÃO [ WORK IN PROGRESS  
DIMENSÕES VARIÁVEIS  
ESPAÇO LINHA (PORTO ALEGRE/RS)  
FOTOS: CRISTYELEN AMBROZIO















SANDRO KA  
*REFAZER O FEITO*, 2022  
INSTALAÇÃO  
245X 345 CM  
FUNDAÇÃO ECARTA (PORTO ALEGRE/  
FOTOS: IGOR SPEROTTO (FOTOS 3, 4, 5 E 6)  
VINICIUS LUZ (FOTOS 1, 2 E 7)









## SANDRO KA

(Porto Alegre/RS, 1981) é artista visual e pesquisador. Doutor e mestre em Artes Visuais (PPGAV/UFRGS). Professor de Artes Visuais (EBA/UFGM). Vive e trabalha em Belo Horizonte/MG. Desde 2003, participa de ações e mostras dentre as quais se destacam o projeto de intervenção urbana **Piscina** (Praça da Alfândega, Porto Alegre, 2015), as exposições individuais **Sobre o que Sonha** (Fundação Ecarta, Porto Alegre, 2022), **Antes que a Noite Acabe** (CCMQ, Porto Alegre, 2022), **Paisaje Común** (EAC, Montevideu, 2018), **Paisagem Comum** (Museu do Trabalho, Porto Alegre, 2018), **Tanto Barulho por Nada** (MARGS, Porto Alegre, 2017) e **Deixa Estar** (MACRS, Porto Alegre, 2013); e as coletivas **Eloquência e Eficácia: figuras do discurso** (Fundação Vera Chaves Barcellos,

Viamão, 2023), **Salão Nacional de Arte Contemporânea de Goiás** (MAC-GO, Goiânia, 2022), **Arte Contemporânea. RS** (MACRS, Porto Alegre, 2021), **A Condição Básica** (Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, 2018), **Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira** (Santander Cultural, Porto Alegre, 2017 e Parque Lage, Rio de Janeiro, 2018), **Mostra SESC Cariri de Culturas** (Juazeiro do Norte, 2014, 2015 e 2017) e **VIII Bienal do Recôncavo Baiano** (Centro Cultural Dannemann, São Félix, 2006), entre outras.

Recebeu o **Prêmio Aliança Francesa de Arte Contemporânea** (2017) e o **Prêmio Açorianos de Artes Plásticas** (2009), sendo indicado em outras edições nesta premiação. Possui obras em coleções privadas e acervos, como: MARGS, MACRS, Pinacoteca Aldo Locatelli, FVCB e Sesc Juazeiro.

## ANA MARIA ALBANI DE CARVALHO

(Porto Alegre, RS, 1961) é historiadora da arte e curadora independente. Professora Titular no Dpto de Artes Visuais e no PPGAV UFRGS. Vive e trabalha em Porto Alegre, RS. Doutora em Artes Visuais - História, Teoria e Crítica (UFRGS, RS) é professora Titular no Departamento de Artes do Instituto de Artes da UFRGS, onde leciona desde 1992. Atua nos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais (IA) e Museologia e Patrimônio (Fabico - UFRGS). Implantou e coordenou 2 edições da Especialização em Práticas Curatoriais (2018 e 2020, UFRGS). Desenvolve pesquisa sobre arte contemporânea brasileira, com foco no período dos anos 1970 e interesse pelas relações entre arte e política

em uma perspectiva decolonial e de gênero. Atua como curadora desde 1994 e entre as diversas curadorias realizadas destacam-se as exposições: **“Nervo Óptico - 40 anos”**, no Centro Cultural São Paulo (2016) e na Fundação Vera Chaves Barcellos, no RS (2017), **“Áspera Melodia”**, homenagem aos 70 anos do artista Carlos Asp, na Pinacoteca Ruben Berta (2019); **“Iberê Camargo: Persistência do Corpo”**, em co-curadoria com Blanca Brites, na Fundação Iberê Camargo (2009); **“Pulse - Telmo Lanes e Rogério Nazari: Trajetórias 1976 a 2023”** (2022), no MARGS, em co-curadoria com Francisco Dalcol e Cristina Barros e, atualmente, **“Eloquência e Eficácia”** (2023), em parceria com Paulo Silveira, em curso na Sala dos Pomares, Fundação Vera Chaves Barcellos.